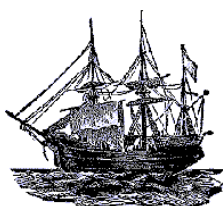


Amigo Amorim:

Conforme combinamos, aqui minha colaboração para uma segunda edição de teu livro:

## 1 - Sobre o ***Mayflower Compact*** e a Revolução Americana



The Mayflower

**Mayflower**, ship that in 1620 brought the Pilgrims from England to New England. Under Capt. Christopher Jones, she sailed from Southampton on Sept. 16, sighted land (Cape Cod) on Nov. 19, and landed at Plymouth on Dec. 26. Before disembarking, the colonists drew up the **Mayflower Compact**, an agreement providing for the temporary government of the colony by the will of the majority.<sup>1</sup>

**American Revolution**, 1775–83, struggle by which the Thirteen Colonies that were to become the United States won independence from Britain. By the middle of the 18th cent., differences in life, thought, and economic interests had formed between the colonies and the mother country. The British government, favoring a policy of mercantilism, tried to regulate colonial commerce in the British interest, and provoked colonial opposition. The Stamp Act passed by Parliament in 1765 roused a violent colonial outcry as an act of taxation without representation. The Townshend Acts (1767) led to such acts of violence as the Boston Massacre (1770), the burning of the H.M.S. *Gaspee* (1772), and the Boston Tea Party (1773). In 1774 Britain responded with the coercive Intolerable Acts. The colonists convened the Continental Congress and petitioned the king for redress of their grievances. Fighting erupted on Apr. 19, 1775, at Lexington and Concord, and was followed by the capture of Fort Ticonderoga from the British, the battle of Bunker Hill, and the unsuccessful colonial assault on Quebec (1775–76). The Continental Congress appointed (1775) George Washington to command the Continental army and, on July 4, 1776, adopted the Declaration of Independence. Many colonists, however, remained pro-British Loyalists. The colonial victory in the Saratoga campaign (1777) helped forge a French-American alliance (1778), bringing vital aid to the colonists. Following the terrible ordeal of Washington's army at Valley Forge and the indecisive battle of Monmouth (1778), the war shifted to the South during the Carolina campaign (1780–81). The surrender (Oct. 1781) of Gen. Cornwallis at the close of the Yorktown campaign ended the fighting, and the Treaty of Paris (1783) recognized the U.S. as a nation.<sup>2</sup>

2 - Na página 100, há um tempo de verbo que, conforme sua leitura, me deixou um tanto confuso, especialmente porque na página seguinte informas que “apesar da assunção, por parte da Inglaterra e da França, do que pertencia à Alemanha até a Segunda Grande Guerra”, isso não fecha com as informações que disponho.

---

<sup>1</sup> *The Concise Columbia Encyclopedia* is licensed from Columbia University Press. Copyright © 1995 by Columbia University Press. All rights reserved.

<sup>2</sup> *The Concise Columbia Encyclopedia* is licensed from Columbia University Press. Copyright © 1995 by Columbia University Press. All rights reserved.

Teu texto diz: ... “hodierna Alemanha em matéria de produto interno bruto. A Alemanha não *tem* uma colônia sequer”. Se o tempo é presente, também Portugal, o derradeiro dos colonialistas (na África) da mesma forma não tem mais nenhuma colônia, o que assinalas também adiante. Salvo erro, ninguém mais tem, senão que “*raras possessões ultramarinas de que são escassos exemplos algumas das ilhas do Caribe*”. Mas, se o tempo é presente histórico (existe isso?), então a Alemanha teve colônias -- Togo (Togolândia, parte dos territórios atuais do Togo e de Gana); Camarões<sup>3</sup>; Tanganica (juntou-se, na década de 60, para formar com Zanzibar, a atual Tanzânia) – que as perdeu ao fim da Primeira Guerra Mundial, com sua derrota. Estou tomando a liberdade de anexar tradução que fiz, há algum tempo, e que espera por um editor, de um capítulo do livro de Adu Bohaen, “*Topics in West African History*”, assim:

## A partilha da África

**A**pesar das muitas atividades desenvolvidas pelos missionários e comerciantes entre 1808 e 1880, e suas conseqüências, existiam ainda grandes áreas não afetadas, social ou economicamente, até 1880. Fora as bacias do Níger, Gâmbia e Senegal, a ação atinha-se à costa. Politicamente, também, embora seu trabalho tenha enfraquecido ou causado a desintegração de alguns impérios e reinos da costa oeste da África, não levou à completa derrubada e absorção até 1880. A maioria das nações que emergiram sobre as ruínas daqueles impérios, ainda desfrutavam de uma vida autônoma, mesmo que, em alguns casos, bastante precária.

Contudo, durante um curto espaço de vinte anos, entre 1880 e 1900, a influência européia estendeu-se a todos os cantos da África ocidental. Ao fim desse período, apenas um país, a Libéria, era ainda independente e soberana; todos os outros reinos e nações tornaram-se colônias das potências da Europa.

O que levou à completa perda da independência dos países africanos, não apenas do oeste, mas de todo o continente?

As causas não seriam encontradas nas condições daquele período na África ocidental. Em torno a 1880, alguns reinos e impérios, como os do Daomé e Sokoto, no norte da Nigéria, Sikasso e Samori eram ainda poderosos e estáveis. Mesmo onde haviam declinado ou desintegrando-se, até 1870, tentativas desenvolviam-se, nos anos 80, para reviver sua glória. Um bom exemplo é o trabalho de Kwaku Dua III, conhecido como Prempeh I, que se tornou o *asantehene* [rei dos Ashantis] em 1888. No ano de sua ascensão ao trono, esmagou as rebeliões de Kokofu e Mampong; enviou uma majestosa delegação para negociar junto aos ingleses a devolução de Adansi e Kwahu, e iniciou gestões para o regresso de Dwaben, que migrou para a costa após sua derrota na Guerra Civil de 1875. Em torno ao terceiro ano de seu reinado, conseguiu restaurar, de certa forma, a unidade e a ordem, e acreditava no restabelecimento

---

<sup>3</sup> The British established commercial hegemony over the coast in the early 1800s, but were supplanted by the Germans, who made the area a protectorate in 1884. The area was occupied by French and British troops in World War I, after which it was divided into French and British mandates under the League of Nations<sup>3</sup>

do Império Asante. Quando, em 1891, foi-lhe oferecida a proteção britânica, recusou-a polida, mas firmemente. Disse ao governador inglês: *"Meu reino jamais se sujeitará a tal política. O Asante deve permanecer independente como antigamente e, ao mesmo tempo, ser amistoso com todos os homens"*. (Trata-se de reminiscência de circulares enviadas por Menelik, o imperador da Etiópia, naquele mesmo ano a todas as importantes potências europeias. *"Eu não tenho intenção, escreveu, de ser um espectador indiferente quando longínquas potências surgem com o projeto de dividir a África... Assim como o Todo Poderoso tem protegido a Etiópia até agora, estou confiante de que irá proteger e desenvolvê-la no futuro"*. O Noro-Naba de Wagadugu deu a mesma resposta aos franceses em 1895. Se tempo Prempeh houvesse tido teria conseguido reviver o Império Asante. Mas, apenas cinco anos após rejeitar à oferta de proteção, que ocorreu em 1896, foi preso pelos ingleses e enviado para o exílio nas Ilhas Seicheles, lá permanecendo até 1924. A maioria dos Estados africanos não abriram mão de sua independência. Ela foi usurpada pelos europeus.

Por que as potências da Europa resolveram apropriar-se de todo o continente africano na última vintena do século 19?

A resposta pode ser encontrada nas forças econômicas, sociais e políticas imperando na Europa durante a segunda metade desse século. A primeira razão foi a necessidade de novos mercados para o excesso de produtos gerados face à Revolução Industrial, e exportados, durante a segunda metade do século 19, da Inglaterra para a França, Rússia, Alemanha e Itália. À medida em que cada país tornava-se industrializado, iniciava a produzir mais mercadorias do que podia consumir localmente, e, então, partia à busca de solução para seu excedente de produção. E a solução veio através da imposição de elevadas tarifas aduaneiras, barrando a entrada dos concorrentes, e na aquisição de colônias, cujos mercados podiam dominar. A demanda por matérias primas fez-se, da mesma forma, altamente competitiva, tornando-se, por isto, objetivo dos países industrializados controlar as fontes de suprimento de algodão, borracha e minerais, dentre outros. De fato, de acordo com o historiador norte-americano, Carlton Hayes, o que, de fato, impeliu à corrida econômica em direção à África e ensolaradas ilhas do Pacífico *"não foi, em especial, o excesso de produção das fábricas na Europa, mas uma escassez de matérias primas"*.

Um terceiro fator econômico na corrida por colônias foi o investimento do saldo de capital. Enquanto os lucros acumulavam-se mais e mais nos países europeus, a necessidade de novas áreas onde o capital fosse colocado e desse mais rentabilidade começou a ser sentida por homens como Jules Ferry, primeiro-ministro francês, de 1880 a 1883. Ele encontrou solução na aquisição de novas colônias. Num de seus discursos disse *"As colônias são para países ricos um dos mais lucrativos métodos de investir capital... Eu digo que a França, que está saturada de capital, que o tem exportado em quantidades consideráveis, tem interesse em postar-se deste lado da questão... Que é o mesmo do escoamento de nossas manufaturas."*

Lenine, o grande líder russo, atribuiu o crescimento desse novo imperialismo apenas à essa necessidade, descrevendo-o como o mais alto estágio do capitalismo. Todavia, alguns historiadores, especialmente britânicos e americanos, criticaram o ponto de vista de Lenine amparados no fato de que as

potências imperiais não investiram muito capital nas colônias, mas, sim, em países independentes, como os Estados Unidos, Brasil e Canadá. Embora seja verdade que o grosso do capital das potências imperiais tenha sido empregado fora de suas colônias, isto não prova que, no tempo em que estavam conquistando suas colônias, não planejavam investir ali. Por certo aconteceu que, tendo conquistado as colônias, compreenderam haver superestimado as potencialidades do adquirido e concluíram que teriam mais lucro investindo noutras partes.

As forças políticas do momento alargaram sobremodo as raízes econômicas. Após a guerra Turco-Russa, entre 1877 e 1878, um equilíbrio de poder surgiu na Europa, o que tornava impossível expandirem seus territórios dentro do continente. Um ponto de menor resistência teria de ser encontrado: para a Rússia, postava-se na Ásia Central; para os Estados Unidos, ficava em seu oeste selvagem; para os países da Europa ocidental era *"o mar e as novas terras além"*. A expansão adiante do ponto de resistência tornou-se praticamente inevitável pela força do nacionalismo. Da mesma forma que na segunda metade desse século ingressou na história a era do nacionalismo africano, a segunda metade do século 19 assinalou a fase do nacionalismo europeu. Um período que viu surgir as nações-Estado da Alemanha e Itália, enquanto na França o nacionalismo surgiu qual um clímax de frenesi, como resultado da guerra Franco-Germânica, entre 1870 e 1871, e a perda da Alsácia e Lorraine. O surgimento do nacionalismo deu partida para a partilha da África, especialmente porque durante as duas últimas décadas do século 19 as colônias transformaram-se em símbolo de grandeza nacional e prestígio, como viria a ser, mais tarde, ter uma bomba atômica ou satélites. Mais colônias tinha uma nação, mais poderosa e grandiosa era considerada. Então, após humilhantes derrotas em 1870-1871, a França voltou sua atenção para além-mar, a fim de demonstrar que, apesar da derrota, ainda era uma potência. Como um de seus estudiosos proclamou em 1882, *"a colonização era para a França uma questão de vida ou morte. A França tornar-se-ia a maior potência na África ou não passaria de potência de segunda classe na Europa"*. Os alemães também falaram em *"conseguir um lugar ao sol"*, enquanto a Itália, da mesma forma, ingressou na corrida para as colônias, por uma questão de prestígio. Há muito de verdade na visão, segundo a qual, da mesma forma que o nacionalismo africano de hoje é o principal responsável pela morte do colonialismo na África, o nacionalismo europeu gerou seu surgimento.

Fatores sociais foram também importantes na conquista das colônias. A revolução industrial e o sistema capitalista produziram não apenas superávit de capital, mas, também, um saldo excedente força de trabalho. Na medida em que um maior número de máquinas eram postas em uso, mais trabalhadores viram-se desempregados. Nos anos 70, do século 19, estimou-se em um milhão de desempregados na Alemanha e Itália. A solução para tal problema foi encontrada na conquista de colônias, para onde poderia ser enviado o excedente populacional, ao mesmo tempo em que os manteria ligados ao seu país de origem. Os locais escolhidos foram: a África do norte, do leste, central e do sul. Condições climáticas e os mosquitos afastaram tais assentamentos na costa oeste.

O desejo expresso por alguns europeus de terminar com o tráfico interno de escravos e espalhar a civilização e educação nos países menos desenvolvidos através da colonização é via de regra visto de forma diferente. Como definiram os

historiadores Carrington e Cohen, a principal razão era, sim, a partilha da África. Se aquele desejo fosse verdadeiro, a partilha da África teria ocorrido entre 1840 e 1850, como consequência dos gritos de proteção lançados por missionários e os apelos de David Livingstone. Ainda mais, a virtual ausência de questões humanitárias na Conferência de Berlim, nos anos de 1884 e 1885, e o fato de, entre 1900 e 1945, muito pouco haver sido feito para promoção do bem-estar e educação dos africanos nas colônias, desmentem motivações humanitárias e desinteressadas na partilha da África. Os motivos revelaram-se nem filantrópicos nem gratuitos, mas emergiram de egoísticas necessidades sociais, políticas e econômicas das potências européias.

Essa inevitável corrida em busca de colônias iniciou-se no oeste da África, não em 1882 ou 1884, como geralmente se supõe, mas, em 1879, quando o rei Leopoldo, da Bélgica e França, enviou Stanley e de Brazza para concluírem tratados com os governantes da bacia do rio Congo. Como essa área fora reservada para uso exclusivo dos portugueses, a repentina intromissão dessas potências os alarmou. A Inglaterra também sentiu sua sólida posição na área das bacias de Benin e Biafra ameaçada pelas atividades dos franceses em Porto Novo e no rio Níger no início dos anos 80. Foi para bloquear os franceses, e a Leopoldo II, que os ingleses apoiaram os portugueses na questão do Congo, e, ao mesmo tempo, despacharam Hewett em maio de 1884, a fim de declarar como protetorado a área que hoje é representada pelos distritos ao sul da Nigéria. A confusão estava armada e seguia seu rumo. Quando Hewett aportou na costa oeste, em julho, teve de agir rapidamente pois constatou que os alemães, até então fora do processo, entraram na disputa, com a anexação da Togolândia, em junho, e dos Camarões, uma semana antes de sua chegada.

Historiadores questionaram sobre as razões pelas quais Bismarck, o chanceler da Alemanha, tinha por objetivo mergulhar seu País na escalada por colônias em 1884. Muitos sustentaram que isto dar-se-ia por razões meramente diplomáticas, ou seja, brigar com os britânicos de forma a conseguir a simpatia dos franceses. Mas isto não é razoável. Se o Bismarck desejasse lutar contra os ingleses o teria feito no Egito. Mas, mesmo quando ingressou na corrida, ele ainda apoiava os britânicos na crise do Egito. Segundo, se realmente desejasse trazer a Inglaterra para a disputa sobre a costa oeste, teria, sim, anexado áreas nas quais a Inglaterra deitou seus interesses, como o sul de Gana ou o delta do Níger. Mas Bismarck deixou em paz essas áreas. Entrou, em verdade, na corrida porque em 1880 a pressão posta sobre si pelas câmaras de comércio, especialmente a de Hamburgo, por empresários como S. C. Godeffroy e Adolf Woermann, e banqueiros como Von Hansemann e Bleichroder tornou-se muito forte. Apelos posteriores de proteção continuaram chegando de comerciantes alemães e missionários da costa oeste. O Bismarck esperou, apenas, por um momento favorável, quando poderia obter o apoio total da opinião pública de seu país. A recusa dos ingleses de estender sua proteção aos negociantes alemães baseados na África do sudoeste e sua inabilidade em atender repetidos apelos, deram-lhe a oportunidade, em março de 1884, de, ao proteger os comerciantes alemães, anexar a região em abril. Em maio enviou um representante, Nachtigal, com instruções secretas para anexar o Camarões.

Com a França, a Alemanha, a Inglaterra e Portugal — todos ativamente reivindicando porções da África ocidental, a escalada sobre a continente chegou a seu mais avançado estágio em julho de 1884. Foi para dispor normas que regulassem a disputa e afastar a possibilidade de um conflito aberto que uma conferência internacional efetivou-se em Berlim, de 15 de novembro de 1884 a 30 de janeiro de 1885, sob a presidência do Bismarck. Em 26 de fevereiro de 1885 o Tratado de Berlim foi assinado. Entre outras disposições ficou acordado que qualquer potência que desejasse reivindicar um território teria de notificar os signatários "a fim de assegurar-lhes, se necessário, também legitimar suas próprias reivindicações", e que cada anexação dever-se-ia seguir da imediata ocupação, antes que fosse tornada válida. Que deveria haver liberdade de comércio na bacia do Congo, bem como livre navegação nos rios Níger e Congo. Durante e após a conferência as potências européias enviaram representantes e soldados que, pela persuasão, força ou suborno, conseguiram fazer governantes africanos assinar acordos, nos quais cediam, em muitos casos inocentemente, seus territórios. Governantes houve que compreenderam, na totalidade, tais acordos e rebelaram-se contra os mesmos. As revoltas, entretanto, eram esmagadas e os insubmissos ou eram assassinados ou exilados. Outros, como Lat-Dior, Samori Toure, Ba Bemba e Behanzin resistiram desde o início, mas não conseguiram manter sua independência. Lat-Dior, de Cayor, resistiu aos franceses até que foi morto em 1885. Samori Toure defendeu seu imenso império, que se estendia de Boure até o norte de Gana, entre 1891 e 1898, quando foi capturado e deportado para o Gabão, onde veio a falecer em 1900. Ba Bemba, de Sikasso, também, de forma brava, opôs-se aos franceses e, em 1894, suicidou-se quando viu que os fados lhe eram totalmente adversos "preferindo o suicídio à desonra". Behanzin, o rei do Daomé, resistiu aos franceses, entre 1892 e 1894, quando foi preso e deportado, primeiro para a Martinica e, então, para Argel onde morreu em 1906. Da mesma forma, perderam, os ingleses, boa parte do início deste século, para suprimir a resistência em Bornu e nos emirados fulani do norte da Nigéria.

Em 1900, praticamente a totalidade da África ocidental e o restante do continente, estavam em poder de nações européias, que visavam saciar egoísticos fins econômicos, políticos e sociais.

3 – Dá uma olhada na penúltima linha do segundo parágrafo da página 134.

Esta minha colaboração. Espero que venha a ser de alguma utilidade. E fico às ordens para qualquer coisa – mesmo importar algum livro que necessites.

Ah! Te agradeço o prestígio que dás a meus filhos.

Um abraço do

José Luiz